



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

ALESSANDRA ALVES DOS SANTOS

ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: CONSTRUÇÃO DE
MATERIAL AUDIODESCRITIVO DO ACERVO DO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU EM NITERÓI

Orientador(es): Dra. Suelen Marques Adriani
Dra. Neuza Rejane Wille Lima



Tabela do material audiodescrito

Audiodescrição 1- Artefatos de pedra



Audiodescrição: 1

INÍCIO DA AUDIODESCRIÇÃO: Caixa retangular de vidro. Nela estão expostas pedras lisas de diversos tamanhos e formas que eram utilizadas como utensílios: para corte, pilão, ponta de lança, soquetes entre outros. No fundo verde da caixa de vidro, temos um texto explicativo. **FIM DA AUDIODESCRIÇÃO**

Texto adaptado em linguagem simples:

“O povoamento litorâneo e seus testemunhos culturais”.

A produção de ferramentas utilizando pedras, representou para a Pré-história a mesma importância que o metal representa para a nossa Era. O uso das pedras como tecnologia, mostra toda a engenhosidade humana. Essas pedras apontam o quanto o homem havia evoluído até então. Seja lascada ou polida, a pedra, usada como tecnologia para instrumentos utilitários, adornos, utensílios, construções, etc. foram elementos essenciais para manutenção da vida dos diferentes grupos que povoaram o atual território brasileiro, fosse o interior do país ou ao longo do nosso vasto litoral.

Essa tecnologia é evidenciada em achados arqueológicos de pequenos seixos (fragmentos de rochas ou minerais com formato e superfície lisa) ou quartzos (cristais de rocha de tamanhos variados) entalhados de forma utilitária.

Esses materiais eram entalhados em grandes almofarizes (recipientes feitos de

materiais diversos utilizados para triturar e dar forma a substâncias sólidas). Tais peças contribuem para o entendimento de como diferentes grupos chegaram à costa Fluminense e, depois se dispersaram.

Distintas teorias concorrem para explicar o povoamento do litoral do Estado do Rio de Janeiro, mas algumas conclusões gerais comuns podem já ser consideradas: sabe-se que vários grupos alcançaram esta extensa faixa costeira há aproximadamente 8 mil anos (por exemplo, sítio Camboinhas), em diferentes momentos, e que seguiram rotas diversas ao longo da Costa ou vindos do interior. Sabe-se também que pertenciam não apenas a uma tradição cultural, mas a várias e que possuíam certa similaridade, o que sugere que tais grupos mantinham contato entre si com muito mais intensidade do que se pensava até recentemente, além de serem bastante receptivos às culturas de terras estranhas, ainda que nenhuma influência exterior fosse tão forte a ponto de apagar suas identidades culturais, ao menos, não até a chegada dos grupos ceramistas (grupos que faziam artefatos de barro).

Esse ambiente de mútuas influências entre distintos grupos do litoral em contato com grupos do interior teve um papel decisivo na constituição desses povos, pois atravessou as barreiras entre os grupos, para a adaptação às necessidades locais. Acrescida da pesca e da coleta de mariscos, essas trocas proporcionaram a estas sociedades uma extraordinária atmosfera para o desenvolvimento de novas técnicas e de novas formas de organização social, como aquelas encontradas em Sambaquis (depósitos construídos pelo homem, constituídos por materiais orgânicos e calcários que foram empilhados ao longo do tempo).

FIM DO TEXTO.

<https://www.youtube.com/watch?v=S7rW2WooW6U>



Audiodescrição 2- Pré história, legado e tradição



Audiodescrição: 2

INÍCIO DA AUDIODESCRIÇÃO: Caixa retangular de vidro, nela encontramos restos de conchas e pedras de diferentes formas e tamanhos, uma pedra porosa de tamanho maior que as demais, com furos; pedaços de ossos e vértebras de animais. Detalhes da vida social dos povos da Pré-história litorânea brasileira, em especial fluminense. Na parede por dentro da caixa de vidro, temos um texto explicativo. **FIM DA AUDIODESCRIÇÃO**

Segue o texto adaptado em linguagem simples:
“Pré-história legado e tradição.”

Em um texto escrito no século XIX d.C, o *Glossaria Linguarium Brasiliensium*, impresso em 1868, da autoria do botânico, etnógrafo e médico Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1968), encontra-se um dos mais antigos testemunhos da palavra *Itaipu*, *lapis sonans* ou pedra que soa, isto é, rochedo de água rumorejante. No mesmo livro, von Martius registra o vocábulo *sernambi* como *locus concharum* ou “lugar de conchas”. A origem do nome *Itaipu*, ainda que guarde um significado um tanto obscuro, oferece um fato revelador em

relação a *sernambi*, palavra associada a Sambaqui, a qual, pode-se interpretar, de acordo com a língua Tupi formado pelo vocábulo *tāba* que significa concha e *ki* que denota amontoado (*tābaki* ou *tambaqui/ sambaqui*): ambas as palavras assinalam a presença dos últimos habitantes de nosso litoral antes da chegada dos europeus. É possível que os grupos que aqui viviam, até pelo menos os séculos XVI d.C., tenham chegado a esta parte do litoral não muito tempo depois dos últimos remanescentes dos povos sambaqueiros, entre 1.500 e 1000 anos atrás, e até quem sabe mantido contato. No entanto, arqueologia tem demonstrado que até alcançar este momento de fixação, a tradição cultural destes grupos indígenas (Una e Tupi Guarani) havia sido precedida por diversas outras que assumiram, em graus variados, alguns traços culturais de seus antecessores, substituindo-os, ainda que tivesse duração apenas durante aquele período, em seus antigos locais de habitação. Estas populações ocuparam não um ou outro dos antigos sítios, como o Duna Grande, mas também suas imediações, demonstrando o quanto é importante considerar o complexo de sítios arqueológicos em seu conjunto e não isoladamente. Há aproximadamente 1.400 anos, estes grupos passaram a re-habitar estes locais (por exemplo, Duna Pequena e Camboinhas), caracterizando-se já por uma alimentação bem mais variada do que aquela que seus antecessores, com a caça de animais de diferentes portes, a pesca não apenas marítima, mas, preferencialmente lagunar e vegetais através do pequeno cultivo. Eles desenvolveram uma “indústria cerâmica”, aprimoraram a “indústria lítica” (estudo dos fragmentos de minerais e rochas que foram utilizados por povos da pré- história, encontrados em sítios arqueológicos) e se tornaram bem mais complexos em seu modo de viver. FIM DO TEXTO.

<https://www.youtube.com/watch?v=j9Ypwmm4UrU>



Audiodescrição 3- Artefatos de cerâmica



Audiodescrição: 3

INÍCIO DA AUDIODESCRIÇÃO: Caixa retangular de vidro. Nela contem partes de artefatos de cerâmica de variadas formas, modelos, cores e tamanhos, encontrados e guardados por pescadores e moradores locais ao longo dos anos, na região de Itaipu. Na parede ao fundo da caixa de vidro, temos um texto explicativo. **FIM DA AUDIODESCRIÇÃO**

Segue o texto adaptado em linguagem simples:

Recolhimento de Santa Teresa remanescente da colonização portuguesa.

No século XVIII d.C., quando a ocupação e dominação colonial portuguesa da América já estavam em curso há mais de dois séculos, ergueu-se à beira da praia de Itaipu, um recolhimento religioso, cuja finalidade era o enclausuramento feminino tendo como objetivo a preservação e a recuperação da honra de mulheres desvirtuadas.

Os recolhimentos destinavam-se a viúvas, órfãs, prostitutas arrependidas, moças e esposas que não contavam com a proteção masculina e mulheres que desejavam seguir a vida religiosa sem, no entanto, fazer votos perpétuos. Também encontravam-se aquelas que haviam cometido adultério e as filhas

desobedientes que, como punição e Castigo de culpas, eram afastadas da sociedade para viver em clausura e devoção religiosa de forma purificar-se e a readquirir a honra.

O Recolhimento de Santa Teresa de Itaipu foi fundado por Manoel da Rocha, em 1764, com auxílio de Manoel Francisco da Costa, padre da Igreja Matriz da Paróquia de São Sebastião de Itaipu, e do provisor do bispado António José dos Reis Pereira e Castro, na data de 17 de junho daquele ano.

Relatos de visitas eleitorais à Freguesia de São Sebastião de Itaipu, nos anos de 1811 e 1812, apontam a existência de doze mulheres recolhidas no estabelecimento, dentre as quais religiosas, moças, mulheres casadas e escravas, que dependiam de esmolas e do sustento do então Vigário José Pereira d' Almeida para se manter, ainda assim, em um estado de “pobreza franciscana (...). O edifício ainda que pequeno é forte, e bem edificado, mas tão mal conservado, desalinhado, o cujo, que mete nojo”, diz o relato, inspirando descrédito e desconfiança perante as autoridades eclesiásticas como local para controle de conduta de suas recolhidas.

A visível decadência da instituição em princípios do século XIX, culminou com abandono do prédio após seu breve uso como asilo para menores em 1883. A edificação em ruínas foi posteriormente ocupada com habitações de pescadores da região e com a instalação em uma de suas dependências de um motor gerador de energia. A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN), deu início em 1946, ao processo de tombamento das Ruínas no antigo recolhimento feminino, sendo o mesmo concluído em 8 de janeiro de 1955 com sua inscrição do livro de Tombo de Belas Artes.” FIM DO TEXTO.

<https://www.youtube.com/watch?v=IXUH3RBsy78>



Audiodescrição 4- O museu, a comunidade e o entorno



Audiodescrição: 4

INÍCIO DA AUDIODESCRIÇÃO: Quarta caixa retangular de vidro. Nela contem artefatos utilizados pela comunidade pesqueira no decorrer dos anos: agulhas de variados tamanhos, cestos, rede de pesca, pesos de pedra, miniatura de canoa feita de madeira. Na parede verde ao fundo da caixa de vidro, temos um texto explicativo. **FIM DA AUDIODESCRIÇÃO**

Segue o texto adaptado em linguagem simples:

O museu, a comunidade e o entorno

O Museu de Arqueologia de Itaipu tem sua criação e sua atuação estreitamente vinculados ao ambiente natural e ao contexto sócio-econômico em que se encontra inserido. As ruínas do Recolhimento de Santa Teresa integram-se a uma paisagem delimitada por ecossistemas marinho e lagunar, além da vegetação remanescente da Mata Atlântica presente no Morro das Andorinhas.

Frente à diversidade dos ecossistemas existentes na região, seus habitantes desenvolveram propagaram práticas de subsistência voltados para pesca artesanal e a agricultura, fato que se reflete nos testemunhos de povos pescadores- caçadores- coletores encontrados nos sítios arqueológicos de Itaipu, assim como na permanência de uma comunidade tradicional de pescadores no Morro das Andorinhas e no Canto Sul da praia de Itaipu e na institucionalização do saber da pesca artesanal através da criação da Colônia da Vila de Pescadores de Itaipu em 1921.

Essa comunidade de pescadores exerceu um papel significativo na construção da história do museu, especialmente no que tange à preservação dos remanescentes do antigo recolhimento feminino. Em 1950, a presidência da Colônia encaminhou a Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional à época, um pedido de tombamento das ruínas, endossando, assim, o processo que havia sido iniciado em 1946 pela instituição e que se encerrou em 1955.

Uma vez tombado, o prédio foi desocupado pelos pescadores e as obras de consolidação iniciadas. A destinação do prédio histórico ao uso como Museu foi um projeto idealizado pelo arquiteto Edgard Jacintho, que vislumbrou o desenvolvimento das atividades da instituição a partir de uma perspectiva investigativa e inovadora integrando-as aos sítios arqueológicos do Entorno.

O museu criado em 22 de março de 1977, possui como principal coleção de seu acervo cerca de mil peças doadas por Hildo de Mello Ribeiro, arqueólogo amador e agente federal de fiscalização de pesca da Colônia. A coleção foi composta por seu Hildo durante as décadas de 1960 e 70 através da coleta de vestígios arqueológicos, principalmente no sítio Duna Grande, onde afloravam devido às intempéries (variadas condições climáticas). As ações de preservação do patrimônio público empreendidas por Hildo garantiram-lhe o credenciamento pelo DPHAN para o exercício de fiscalização dos sítios Duna Grande e Duna Pequena e do Recolhimento de Santa Teresa.

O histórico de Constituição desse Museu insere-se na lógica orgânica local de compreensão, apropriação e conservação do ambiente natural em que está situado, manifestando-se como mais uma das práticas culturais do Canto Sul da praia de Itaipu.” FIM DO TEXTO.

<https://www.youtube.com/watch?v=kTJsVtSD2bU>



